



XII Encontro Nacional da APEM 2018

As palavras e a música: linguagens que se tocam

Ritmo, pausa, movimentos coletivamente coordenados, sons vocalizados, piano, ruído, exercícios vocais, jogos de palavras. Tudo serve para fazer música. Ou para reconstruir um poema. Esta poderia ser uma brevíssima síntese de um dos *workshops* (*Música na palavra – processos criativos*) que integrou o [XII Encontro Nacional da APEM 2018](#), que decorreu dia 27 de outubro na Gulbenkian. Um momento significativo, mas um momento apenas, entre muitos outros, de um programa – em torno de *As palavras e a música: linguagens que se tocam* - que incluiu, após uma atividade inicial de boas vindas, conferências, *workshops*, mesas redondas. Concluindo, com chave de ouro, num concerto final com os *Jovens Cantores de Guimarães*.

Lígia Calapez
Jornalista

Eu acredito que as canções mudam o mundo. O nosso mundo e o mundo à nossa volta

O modo “como falamos de música, como nos referimos à música quando falamos da música”, foi o ponto de partida de José Dias - da *Manchester Metropolitan University*, músico e compositor - na sua comunicação sobre *Popular Songwriting*.

O conferencista começou por referir **três pressupostos** fundamentais: na nossa prática educativa, projetamos muitos **conceitos** que herdámos do nosso próprio processo de aprendizagem; as **canções** são realidades muito complexas; a música é sempre uma **metáfora**. Pressupostos que, considerou, assentam numa constatação: “a música projeta sempre, exige sempre uma reação das pessoas. E a partir do momento em que há uma reação, há uma interação. E haver interação é de quem está a ouvir e de quem está a passar educação musical”.

Partindo desta base, José Dias, colocou a questão (e ilustrou-a com exemplos ao vivo): “O que é a música para cada um de nós?” Nem sempre é o mesmo. E não apenas para cada pessoa, mas também em função das diferentes culturas. Ou de diferentes épocas. A ideia de afinação, tempo, precisão, “são conceitos que – alguns deles – com o início do século XX se tornaram obsoletos”, observou. O conhecimento (no Ocidente) das músicas que vinham de outros povos – para o que contribuiu o arquivo fonográfico criado por Carl Stumpf – deixou claro que “aquilo que nós temos para definir a música ocidental não chega para percebermos a música do mundo todo”. Por outro lado, os “compositores começaram a explorar os limites dos cânones ocidentais tradicionais”.

E a questão (re)coloca-se: o que é música?

“Nos anos 70 Jonh Blacking escreve um livro fenomenal - *How musical is man?* – Referiu José Dias - Ele define música de uma maneira muito interessante: diz que *música é som humanamente organizado*. E aqui cabem todas as músicas”.

Definição interessante, mas que não

basta. Porque é essencial também perceber “se aquele som humanamente organizado é culturalmente música”. E ainda “que nos comportemos de acordo com a música”. Pois o comportamento (por exemplo “um aluno que pensa que nada tem a ver com a música – mas está a bater o pé...”) é parte da música. E assim – sublinhou o conferencista – se chega a outro conceito: que “música é o resultado de som + conceito + comportamento”.

Conceitos particularmente interessantes porque permitem que se coloquem mais perguntas. Por exemplo: porque é a música importante? Porque são as canções importantes? “Sobretudo por dois motivos – diz José Dias – Primeiro porque ajudam na construção da nossa identidade coletiva (nós partilhamos canções e isso dá-nos um sentido de pertença). Por outro lado, permite-nos criar uma espécie de universo íntimo, a construção da nossa identidade”.

Valorizando a importância das **canções**, o conferencista destacou em particular “as camadas de sentido”. “Há canções que parecem ser muito simples, mas que não são – têm camadas de sentido”, disse. “Podem colocar-nos questões muito interessantes. Podem colocar questões fundamentais da condição humana – o que é que a minha imagem diz de mim? O que é o amor? Quem sou eu? Como esperam que me comporte em sociedade? Posso subverter regras?”

Estas camadas de sentido, frisou, são muito interessantes de explorar. “Na minha opinião – as canções são **metáforas**. São quase polaroides da complexidade da vida. Por isso interessa explorá-las. E também porque catalisam emoções, estados de espírito, catalisam o embrião do que é a nossa identidade”. Para além de que fazem parte - como a música em geral – “de um processo de socialização”.

Nos cursos de *Songwriting*, explica o conferencista, “mesmo que os alunos não saibam tocar, não tenham qualquer tipo de educação musical formal, nós começamos desde a primeira aula a dar exercícios para eles construírem canções”. Para o fazer, há uma **estratégia**. “Uso objetos pouco convencionais - sons vários (do ciclo da máquina de lavar roupa, por exemplo – como um ciclo de que não se consegue sair); jogos de palavras (que abrem por vezes avenidas de sentido); combinação de géneros e tradições musicais (hoje em dia estamos todos expostos a sons das mais variadas biografias) – juntar sons exóticos pode ser interessante ou sons que podem ser próximos dos nossos alunos; e a improvisação (partindo de um filme de cinema mudo, por exemplo) - cada um dá o seu contributo e no fim aquilo gravado dá umas canções fenomenais”.

Na perspetiva de José Dias “as canções já estão nos nossos alunos. Temos só de encontrar uma maneira de lá chegar



Foto: Sofia Vilhargues

e despertar”. E conclui: “acredito que as canções mudam o mundo. O nosso mundo e o mundo à nossa volta”.

Conversa em trio

Como nasce uma canção? Que podemos fazer para não matar o gosto pela música? A música que nós chamamos música tradicional está morta? Estas algumas questões debatidas/conversadas, num trio que reuniu três cantautores escritores: João Afonso, Vitorino e Margarida Fonseca Santos. Com moderação de Carlos Gomes da *CantarMais*.

Receitas – não há. Essa seria a primeira conclusão a retirar. Para Margarida Santos, as canções que escreve “nasceram sempre de grupos de crianças com quem eu estava a trabalhar”. “Não penso que exista um método infalível para escrever canções”, considerou. “Quando fazemos a primeira linha de uma canção ou quando escrevemos um verso, eu acho que vem a nossa vida toda”, disse Vitorino, “não tenho qualquer método. Não sei qual é a receita”. Para João Afonso “a música é a forma como me consigo exprimir”.

Mas para alimentar (ou não matar) o gosto pela música, já se poderia falar, não de receitas, mas de formas de fazer (ou não fazer).

“Devemos levar para as aulas as músicas que nos apaixonam. Temos de estar envolvidos na música que estamos a transmitir. Levar o brilho nos olhos – por mimetismo esse brilho aparece também nos outros olhos”, sublinhou Margarida Santos, defendendo que “até não fazer mal, deveria ser proibido ensinar notação”. Para João Afonso, por seu lado, há ferramentas que são fundamentais. O que importa é a forma como se ensina, “de modo a haver uma atração, uma sedução. Uma espécie de ir aprendendo, fazendo música”. Vitorino reportou-se a outras realidades muitas vezes esquecidas e que importa lembrar para termos noção do caminho entretanto andado. “As crianças de hoje têm muita sorte. Quando eu andei na escola primária não tinha cá professor de música. Ensinavam-me o *hino do Lusito* (um menino que pertence à Mocidade Portuguesa)”. E sublinhou que “o que a gente aprendia – e isso sim é a minha sorte e a sorte das crian-

ças do interior – era as cantigas de roda que nos ensinavam no largo. E também havia, e há felizmente, as filarmónicas, as bandas”.

Destas cantigas de roda, da música tradicional portuguesa, resta hoje alguma coisa? Uma questão que não é simples. “Que fazer para não esquecer? Isso é complicado porque o mundo rural é o espaço desta música tradicional. O mundo rural, a partir de 1975, começou a desaparecer com muita velocidade. E ultimamente, com a globalização da informação, acho que foi riscado do mapa” – é a opinião expressa por Vitorino. A *CantarMais* tenta de algum modo dar uma resposta a esta realidade, partindo da ideia de que “A música portuguesa é rica e diversificada. Há música que pode ser considerada intemporal”. O seu *site* apresenta-se como “um exemplo de como se pode despertar a curiosidade dos miúdos para conhecer a música portuguesa. As canções de trabalho, as canções de embalar. É fundamental mostrar coisas atrativas”.

No fundo a aposta é a mesma para qualquer área – alimentar o gosto, fazendo com gosto. Porque as crianças “gostam de tudo o que se faça com gosto”, nas palavras de Carlos Gomes. E na música como em todas as áreas de conhecimento, comenta Margarida Santos, “todo o ensino devia ser com espírito de iniciação”.

Um debate para continuar

O Fórum em torno de *Aprendizagens essenciais, flexibilidade e interdisciplinaridade: o presente e o futuro* desenvolveu-se em torno de um debate sobre princípios e práticas, perspetivas e experiências concretas. Um debate que é para continuar. E em que a APEM assume o seu empenho em apoiar professores e escolas.

Após breve relato do envolvimento da APEM, com outras associações, na elaboração do projeto de flexibilidade e autonomia curricular (a aposta da APEM foi fazer um documento, para 12 anos de escolaridade obrigatória, das aprendizagens essenciais) colocou-se a questão fundamental: *Como é que se está a viver a flexibilidade e autonomia curricular nas vossas escolas? Que sentido fez quando pegaram na-*

quele documento?

No cruzar de questões, opiniões e experiências, ressaltaram por um lado alguns problemas e dificuldades e, por outro, experiências positivas.

Do lado dos problemas, de assinalar *times* apertados, “a margem que nos é dada é tão alargada que às vezes nos perdemos”, dificuldades na relação interpares, falta de condições para avançar ou porque “ninguém sabe por onde caminhar” ou porque “nos pedagógicos cada um luta por ter horas para as suas disciplinas... e a arte fica sempre para trás”, ou até alguma rejeição da formalização da flexibilidade ou da interdisciplinaridade.

Entre os professores que valorizam a importância e pertinência destes novos documentos, a possibilidade de trabalhar num quadro de flexibilidade é mesmo referida como uma “boa nova”, destaca-se que “as aprendizagens essenciais e a flexibilidade obrigam a gerir a escola de uma outra forma”, ou que “mais importante que tudo é o trabalho colaborativo - que está muito para além do projeto e engloba também o projeto”, sublinha-se que “depende muito da escola e de quem trabalha lá - mas, mesmo individualmente, conseguimos ter resultados”.

Da parte da APEM, e a concluir, ficou uma promessa e um pedido. “Esta informação vai passar na *newsletter*. Importa ter uma noção do que se está a passar e que nós, como associação, temos de ter presente. Agora, o que nós também pedimos é que os presentes sintam esse apelo e essa vontade – que têm uma associação que podem contactar. Se na vossa escola é preciso fazer uma reunião, é preciso refletir – nós temos capacidade de mobilidade – temos a possibilidade de dar continuidade ao que aqui fazemos”. ■

Para saber mais:

<https://www.facebook.com/apem.educacaomusical/>